

A CONSTRUÇÃO DO HERÓI FEMININO NA SÉRIE "PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS", DE RICK RIORDAN

Guilherme Augusto Louzada Ferreira de Morais*

Maria Celeste Tommasello Ramos**

Resumo

O objetivo do presente artigo é demonstrar como viviam e conviviam socialmente as mulheres na antiguidade, na Grécia, com a finalidade de analisar a construção da heroína no terceiro livro da série "Percy Jackson e os Olimpianos", de Rick Riordan, visto que se percebe claramente que a mulher torna-se, também, heroína, carregando consigo os mesmos atributos que os heróis Clássicos, o que, antigamente, era mais raro. Daí depreendemos que as personagens femininas de Riordan no *corpus* estudado são tão capazes de serem heroínas quanto os homens são capazes de serem heróis, de forma a evidenciar a condição atual participativa e igualitária das mulheres na sociedade.

Palavras-chave

Heroína; Literatura Clássica; Percy Jackson.

Abstract

The purpose of this article is to demonstrate how women lived socially in antiquity, in Greece, in order to analyze the construction of the heroin in the third book of the series "Percy Jackson and the Olympians", by Rick Riordan, seeing that the woman also becomes heroine, which that was unusual, carrying the same attributes as the Classic heroes. We concluded that in the studied corpus the female characters of Riordan are so capable of being heroines as men are capable of being heroes, in order to highlight the participatory and egalitarian current condition of women in society.

Keywords

Classic Literature; Heroine; Percy Jackson.

* Graduando em Licenciatura em Letras, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista – IBILCE/UNESP – 15054-000 – São José do Rio Preto – São Paulo – Brasil. E-mail: gui_amorais@hotmail.com. Bolsista de Iniciação Científica FAPESP (Proc. FAPESP nº 2013/00926-0).

** Docente, Livre-Docente em Literatura Italiana, Professor Adjunto MS5-2, Departamento de Letras Modernas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista – IBILCE/UNESP – 15054-000 – São José do Rio Preto – São Paulo – Brasil. E-mail: mceleste@unesp.ibilce.br

É sabido que modelo heroico é protagonizado, desde os tempos antigos, por personagens masculinas, e isso pode ser explicado pela “superioridade física, pela situação social da mulher até uma época recente, pelas características de sua vida sexual e por suas maternidades” (BRUNEL, 1998, p. 472), como exemplo podemos citar o fato de que a mulher brasileira obteve o direito ao voto somente na década de 1930. Desde a Grécia antiga, enquanto o homem partia para a guerra, cabia à mulher permanecer em casa, cuidando dos filhos e dos bens do marido. A figura feminina, portanto, não tinha espaço na sociedade grega senão como dona de casa; não participava das atividades político-sociais, não tinha o poder da palavra e, conseqüentemente, não comparecia nas histórias heroicas contadas pelos aedos ou rapsodos oralmente, para entreter as pessoas, e depois escritas, nos primeiros registros literários daqueles tempos, nas epopeias e poesias antigas de Homero, Hesíodo, etc. Enfim, a mulher não desempenhava papel de destaque na vida social e não era vista como heroína nas histórias antigas. Destacamos, assim, que

a divisão entre homens e mulheres foi importante para estabelecer a ordem hierárquica em sociedades. Há diversas versões destinadas à explicação do surgimento da divisão dos sexos e dos papéis sociais exercidos, além de justificar a inferioridade feminina. Têm-se como exemplo algumas crenças: religiosa, segundo a qual Adão e Eva foram criados; biológica, do sexo frágil, pois não desenvolve, fisicamente, funções que exigem força com o mesmo desempenho masculino; psicológica, que discute a inferioridade intelectual da mulher, dentre outras (CHATAGNIER, 2013, p. 11).

De acordo com Tokita (2002, p. 18), e em harmonia com Chatagnier (2013), citada anteriormente,

desde a antiguidade grega, e provavelmente muito antes disso, a posição feminina naquela sociedade era similar a dos escravos. Tendo como função primordial a reprodução, sua vida se resumia em criar os filhos e produzir o necessário para a subsistência de seu marido e família. Mesmo dentro de casa, sua palavra não tinha força, pois seu papel existia a partir da subordinação a seu marido, pai ou irmão. Dentro desta divisão de trabalhos, a mulher era responsável pela casa enquanto o homem se ocupava com questões de “maior importância” – como o comércio, a educação, filosofia, política entre outras.

Jaeger (1986, p. 814) afirma que Platão não partilhava a opinião geral de seu país, “segundo a qual a mulher é destinada por natureza exclusivamente a conceber e criar filhos e a governar a casa”. Porém, ele nos lembra que Platão prevê todos os efeitos, inclusive os ruins, que a inserção da mulher nas atividades ditas masculinas pode provocar e que a inovação representada por inseri-la poderia ameaçar a base canônica de que apenas o homem pode ter função ativa na sociedade e ir à guerra. A “intrusão” da mulher na sociedade antiga, segundo o autor, entra em contradição com o princípio do próprio Platão, segundo o qual os indivíduos de naturezas diferentes não devem desempenhar as mesmas funções. Para Jaeger (1986), tanto a mulher quanto o homem possuem evidentes diferenças, o que não interfere na aptidão profissional.

Coligimos, assim, que a mulher não tinha lugar na sociedade porque a tradição não lhe permitia, pois sabemos “que na antiga Atenas a mulher vivia quase sempre num estado de incultura física e espiritual, inteiramente dedicada às lides da casa” (JAEGER, 1986, p. 818). Com o tempo, porém, a participação feminina na sociedade foi ganhando espaço, por isso, “considerar a mulher como sexo frágil muitas vezes não convence mais” (CHATAGNIER, 2013, p. 10). A estudiosa ressalta, ainda, que “é sabido que a mulher ficou presa a uma tradição machista. Dessa posição submissa, surgiram vários estereótipos como *rainha do lar* e *dona de casa*, dentre outros adjetivos pejorativos” (CHATAGNIER, 2013, p. 24). O passar dos séculos nos mostra que a mulher passou a ter uma posição

mais ativa na sociedade: obteve o direito ao voto, saiu dos domínios do lar para trabalhar, contudo, foi só no século mais recente que a mulher ocupou cargos antes ocupados por homens, pois, precedentemente, haviam surgido mulheres “operárias, secretárias, etc.: todos os ofícios que não exigem muito e que são, de certa forma, extensões dos serviços feitos no lar” (CHATAGNIER, 2013, p. 25).

Vemos, com isso, que o fazer ativo feminino, o participar da mulher na História era muito raro antigamente e se tornou mais comum no último século somente. Assim, concordamos com Tokita (2012, p. 17) que afirma que a “narrativa Histórica da vida feminina trata-se de um terreno recente”, comparando-a com a História dos Homens. Podemos dizer, com base nisso, que heróis do sexo feminino, na Literatura ou Cinema, só surgiram abundantemente em tempos mais recentes, pois a mulher ainda era vista como “moça indefesa que precisa ser resgatada pelo herói”. Diferentemente, Riordan, em sua série, e, principalmente em *A maldição do titã*, dá posição de herói à mulher: suas personagens possuem coragem, força, inteligência, entre muitos outros atributos, assim como seus heróis: Annabeth possui grande inteligência, Clarisse, filha de Ares, é brava e corajosa, etc. Podemos, assim, contemplar as aventuras dessas personagens e, ao mesmo tempo, compará-las tanto aos feitos heroicos masculinos quanto às mulheres da Literatura Clássica.

No primeiro livro da série, *O ladrão de raios*, as personagens femininas de Riordan nos são apresentadas como heroínas, inteligentes e vigorosas, e filhas de um deus (assim como os heróis Clássicos); no entanto, desempenham papel de ajudantes de herói e, apenas a partir do segundo livro, veremos que elas realizarão atos singularmente heroicos. Para sermos mais específicos, utilizaremos como corpus *A maldição do titã*, terceiro livro da série, a fim de verificar especificamente nele como, efetivamente, elas exercem papel de heroínas.

O enredo é o seguinte: no início da narrativa, Percy, Thalia, Annabeth e Grover visitam uma escola militar, Westover Hall, pois, no local, encontram-se dois semideuses e o grupo de amigos intenciona recrutá-los para o Acampamento Meio-Sangue. Porém, o Dr. Espinheiro, na realidade uma Mantícora, animal com “corpo de leão, rosto humano e cauda rija e pontiaguda que dispara espinhos mortais” (RIORDAN, 2012, p. 105), busca interceptar o resgate dos irmãos Di Angelo. Dr. Espinheiro, ao capturar Percy, Bianca e Nico di Angelo, leva-os para uma clareira, na beira de um precipício; Annabeth e Thalia procuram salvar Percy e os dois semideuses:

o movimento de Annabeth foi brilhante. Usando seu boné de invisibilidade, ela atingiu os di Angelos e a mim, atirando-nos ao chão. Por uma fração de segundos, o Dr. Espinheiro, pego de surpresa, ficou desorientado, assim sua primeira saraivada de mísseis zuniu inofensiva acima de nossas cabeças. Isso deu a Thalia e a Grover a chance de avançar por trás – Thalia brandindo seu escudo mágico, Aegis.

Se você nunca viu Thalia entrando em uma batalha, nunca sentiu medo de verdade. Ela usa uma lança imensa, que se expande de uma lata de spray paralisante que carrega no bolso, mas essa não é a parte assustadora. Seu escudo foi modelado a partir de um que seu pai, Zeus, usa – também chamado Aegis –, um presente de Atena. O escudo tem a cabeça de Medusa moldada no bronze, e, embora não possa transformá-lo em pedra, é tão horrível que a maioria das pessoas entra em pânico e corre à sua visão (RIORDAN, 2009b, 30-31).

Podemos perceber, com a leitura do excerto, que tanto Annabeth quanto Thalia agem como heroínas, pois estão armadas para tal com artefatos mitológicos. No entanto, Percy ocupa uma posição passível, visto que nada pode fazer para impedir a Mantícora. Assim, as duas semideusas são impulsionadas a agir como heróis e ambas possuem destreza, força e objetos auxiliares mágicos para tanto: Annabeth, com seu boné de invisibilidade, abre caminho e impede que os mísseis

(espinhos) do monstro atinjam Percy, Nico e Bianca; já Thalia, munida de escudo e lança, entra em um combate acirrado com Dr. Espinheiro.

Quando Dr. Espinheiro deixa sua forma humana e se transforma, efetivamente, em uma Mantícora, aparentemente, nada pode derrotá-lo. Porém, Ártemis e suas caçadoras aparecem e enfrentam o monstro mitológico:

– Malditos sejam vocês! – gritou Espinheiro, lançando seus espinhos, dezenas deles de uma só vez, na direção da floresta, de onde a flecha viera, mas, igualmente rápido, flechas de prata foram disparadas em resposta. Era quase como se as flechas interceptassem os espinhos em pleno ar, dividindo-os em dois – mais isso deviam ser meus olhos me pregando peças. Ninguém, nem mesmo os filhos de Apolo no acampamento, era capaz de atirar com aquela precisão.

[...]

Então os arqueiros vieram do bosque. Eram garotas, cerca de uma dúzia delas. A mais nova devia ter uns dez anos. A mais velha, cerca de quatorze, como eu. Elas usavam parcas de esqui prateadas e jeans, e todas estavam armadas com arcos. Avançaram contra o mantícore com expressão determinada.

– As Caçadoras! – gritou Annabeth (RIORDAN, 2009b, p. 33-34).

É importante lembrarmos que Ártemis é a deusa da caça que permaneceu eternamente jovem, renunciando qualquer relação com o sexo masculino e, conseqüentemente, suas caçadoras, em voto de fidelidade, receberam a imortalidade ao renunciarem, também, ao “amor romântico para sempre [...], de nunca crescer, nunca se casar” (RIORDAN, 2009b, p. 49), pois alegam que o homem as inferioriza e se espelham, talvez, nas próprias Amazonas, pois “considerava-se Ártemis como a protetora das Amazonas, como ela guerreiras e caçadoras e, também, libertas do jugo do homem” (GRIMAL, 2005, p.48). Além disso, podemos ressaltar o fato de que, diferentemente dos demais deuses, Ártemis não tem filhos ou filhas, mas sim, seguidoras, garotas que dispõem suas vidas em favor da deusa; esse aspecto também a difere das Amazonas, pois estas se relacionavam com homens apenas com o objetivo de procriação, no entanto, a deidade não age assim, abstendo-se de qualquer intimidade com o sexo masculino.

A Mantícora, irritada pela intervenção das Caçadoras, ataca diretamente Percy e Thalia, porém, Annabeth, em um último ato de heroísmo, ataca o monstro e ambos caem precipício adentro. Percebemos que toda a luta contra o monstro foi empreendida por mulheres: Annabeth, Thalia e as Caçadoras de Ártemis. Presenciamos, assim, que nenhuma delas se ateu à posição passiva que a mulher clássica ocupava, muito menos manifestaram inferioridade em relação ao sexo masculino, pois, como alega Costa (2003, p. 15), “o gênero feminino na cultura grega sempre foi relegado ao segundo plano, como se fosse uma deformação do gênero masculino”, pelo contrário, demonstraram coragem e destreza para enfrentar o monstro, ocupando o primeiro plano de ação na narrativa.

Com o desaparecimento de Annabeth, Ártemis propõe partir em uma missão para encontrá-la, mas, regressando ao acampamento, os campistas e as caçadoras tomam conhecimento de que a deusa desaparecera igualmente. Conseqüentemente, é necessário formar um grupo a fim de resgatar tanto Annabeth quanto Artemis. Partem, então, Thalia Grace, Bianca di Angelo, Zoë Nightshade e Grover Underwood. Percy, como já sabemos, não foi incluído na missão (o que o deixa revoltado). Infringido a ordem de não participar da missão, ele segue, secretamente, os colegas que integram a comissão. Nesse ponto, é interessante tomarmos nota do porquê de o semideus não foi incluído na missão: Zoë, líder das Caçadoras de Ártemis, recusou-se a deixar que um garoto partisse para uma missão da qual as seguidoras da deusa fariam parte; Ártemis e suas Caçadoras não se permitem ter nenhum tipo de relação com homens e foi por isso que o garoto não pôde participar da missão: “– Ele não pode – disse Zoë. – É um

garoto. As Caçadoras não vão viajar com um garoto” (RIORDAN, 2009b, p. 108). Podemos dizer que a caçadora Zoë impôs sua voz, como mulher, e não deixou que um homem interferisse nos princípios estabelecidos para sua linhagem. Em seu percurso narrativo a personagem de Riordan não ocupa uma posição passiva, não se cala, pelo contrário, se impõe e o garoto termina por seguir na missão escondido, insubordinando-se aos desígnios dela.

No percurso narrativo de heróis e heroínas, o primeiro obstáculo que enfrentam, no Smithsonian, em Washington, é combater o Leão de Nemeia. Reside aí clara referência ao primeiro dos doze trabalhos executados pelo herói Mitológico Hércules¹, do qual já se falava, nas histórias dos rapsodos ou nos antigos textos literários gregos, desde o séc. VI a.C. Na trama atualizada de Riordan, o enorme felino aparece no salão e Percy, agora integrante da missão, precisa enfrentá-lo ao lado de seus amigos. A princípio, Zoë se demonstra irritada com a aparição do garoto, pois, como já foi dito anteriormente, ela não permitira que o filho de Poseidon fizesse parte da busca de Ártemis e Annabeth. Com o surgimento do leão, a Caçadora se vê em um impasse: aceitar ou recusar a ajuda de Percy.

O semideus sabia, no entanto, que precisava ajudar seus amigos e, por isso, empunhou sua espada, Contracorrente, e enfrentou o monstro. O leão avançou sobre ele e Percy, num átimo de segundo, percebeu que seria possível derrotá-lo atirando em sua boca, já que sua pele era invulnerável. Mas, sem a ajuda de Zoë, Percy não teria obtido sucesso contra o grande animal. Percy, agindo por meio de sua inteligência, entrou na loja de suvenires do museu e pegou inúmeros pacotes de suprimentos de astronautas que, quando em contato com a saliva do leão, aumentaram as proporções e forçaram o leão a manter a bocarra aberta, permitindo a Zoë que a acertasse:

Os olhos do leão se arregalaram e ele engasgou como um gato com um bolo de pelos.

Eu não podia culpá-lo. Lembrava-me de ter sentido a mesma coisa quanto tentei comer comida espacial quando era garoto. O negócio era simplesmente abominável.

– Zoë, prepare-se! – gritei.

Às minhas costas, podia ouvir as pessoas gritando. Grover tocava outra canção horrível em sua flauta.

Fugi, às pressas, do leão. Ele conseguiu engolir o pacote de comida espacial e me olhava com puro ódio.

– Hora do lanche! – gritei.

Ele cometeu o erro de rugir para mim, e eu lancei um sanduíche de sorvete em sua garganta. Felizmente, eu sempre fora um arremessador bastante bom, ainda que o beisebol não fosse meu jogo. Antes que o leão se desengasgasse, disparei dois outros sabores de sorvete e uma refeição congelada de espaguete. Os olhos do leão se esbugalharam. Ele arreganhou a boca e ergueu-se nas patas traseiras, tentando fugir de mim.

– Agora! – gritei.

Imediatamente, as flechas perfuraram a boca do leão – duas, quatro, seis. A fera debateu-se com violência, girou e caiu para trás. E então ficou imóvel (RIORDAN, 2009b, p. 152-153).

Percebemos, assim, que Zoë, antes irredutível na decisão de deixar Percy participar da missão, mostrou-se flexível ao auxiliar o então Hércules de Riordan

¹ Nome grego do herói conhecido pelos romanos como Hércules, ou também de Alcides, por ser neto de Alceu. Segundo Brandão (1991, vol. I, p. 515), “os mitos, que lhe compõem a figura, evoluíram ininterruptamente, desde a época pré-helênica até o fim da Antiguidade greco-latina” e são inúmeros a ponto de ficar difícil expor, de forma ordenada, em quantas narrativas mitológicas ele aparece e quais peripécias realiza em todas elas. Certo é, porém, que a principal e mais contada narrativa que protagoniza é aquela que narra seus trabalhos: “Os doze trabalhos de Hércules”. Hamilton (1992, p. 233) elenca como principais arquetipos dos mitemas (parte mínima do enredo da história mitológica) que lhe compõem o mito (entendido como narrativa mitológica registrada na antiguidade) aqueles textos não somente escritos por Homero, mas também por Ovídio, Eurípides, Sófocles, Teócrito, Píndaro e Apolodoro.

(Percy Jackson) a combater o leão, colaborando com a ação desempenhada pelo representante do sexo masculino, como na história mitológica grega antiga fez o sobrinho de Hércules, Iolau, que o auxiliou no combate a outro monstro – a Hidra de Lerna (nas versões do texto-fonte, no primeiro trabalho, Hércules não teve auxiliar, sozinho lutou corporalmente e venceu o leão sufocando-o, visto que tinha couro invulnerável às suas flechadas).

Na intriga de Riordan, aliados, o Semideus com sua inteligência e a Caçadora com sua destreza, enfrentaram a fera; herói e heroína se juntaram e derrotaram um monstro que, caso não fosse abatido, teria impedido a missão. É importante ressaltar que Zoë não deixou seus princípios (de nunca se juntar a um homem), mas percebeu que, com a ajuda dele, o resgate de Annabeth e de sua Mestra, a deusa Ártemis, teria mais chances de ser bem sucedida. Comparado este percurso de ação de *A maldição do titã*, presente no longo percurso narrativo de heróis e heroínas do nível narrativo do texto literário, ao percurso de ação do conhecido segundo trabalho de Hércules (combater a Hidra), podemos notar que, na recriação estilizada de Riordan, o herói Percy recebe o auxílio de uma heroína, inserindo, assim, uma mulher (Zoë) no papel de auxiliar heroico desempenhado por um homem (Iolau) nas versões do texto-fonte.

Na sequência do percurso de ação na trama contemporânea de Riordan, Percy, outrora banido, passa a integrar o grupo que realiza a busca para o resgate das preciosas mulheres Anabeth e Ártemis. Ao final da narrativa, para resgatá-las, o grupo necessita “atravessar o Jardim das Hespérides para chegar ao monte Ótris – base para os titãs, substituído, no livro, para o Monte Tamalpais, na Califórnia” (MORAIS, 2013, p. 52). Para tanto, Percy conta novamente com a ajuda da heroína Zoë, pois esta havia sido uma das Hespérides, mas por ter ajudado Hércules a conseguir um dos pomos de ouro em um de seus doze trabalhos, foi banida do Jardim. Novamente a referência a um dos doze trabalhos do fortíssimo herói grego, modelo de força física e conduta corrigida por meio da realização de trabalhos em forma de resgate de faltas anteriores e aprendizagem de uso da força por intermédio da razão – uma espécie de *paideia* grega.

Aqui lembramos que Jaeger (1986, p. 19) aponta Homero, com suas epopéias, como um dos maiores realizadores da *paidéia* na Grécia antiga, pois, segundo ele, “o ideal de Homem ganha forma nos poemas homéricos e como a sua estreita esfera de validade originária se alarga e se converte em força de formação de muito maior amplitude”. Homero é, então, conforme Jaeger, o primeiro e maior criador e modelador da humanidade grega. Platão, na *República* (1973), já dizia que Homero foi o educador de toda a Grécia, pois as epopéias a ele atribuídas carregavam as histórias, tradições e valores válidos para aquela população e criavam o sentido da *paidéia*, que em grego corresponde ao substantivo feminino de origem latina *educatio* (*educatio/onis*), traduzido por criar, instruir, cuidar, nutrir, produzir e tratar. Mas o vocábulo grego implica também um outro termo: *pais*, *paidós*, ou seja, crianças. Como possui o mesmo radical do verbo *paideúo*, é o verbo ensinar, instruir ou formar. No pensamento antigo, significava, acima de tudo, formar um homem no sentido integral como “Homem genérico na sua validade universal e normativa”, realizando uma “modelagem dos indivíduos pela norma da comunidade” (JAEGER, 1986, p. 10).

O “Hino homérico a Hércules”, em seus versos 1 a 8, resume assim o destino completo do herói incomparável:

É a Hércules, filho de Zeus, que vou cantar,
ele que é de longe o maior dentre os que habitam a terra.
Aquele a quem Alcmena, na Tebas de belos coros,
deu à luz, após unir-se ao Crônida de sombrias nuvens.
Errou e sofreu, primeiro, sobre a terra e no mar imensos;

em seguida triunfou, graças à sua bravura,
e, sozinho, executou tarefas audaciosas e inimitáveis.
Agora, habita feliz a bela mansão do Olimpo nevoso
e tem por esposa a Hebe de lindos tornozelos.
(*apud* BRANDÃO, 1991, vol. I, p. 516, grifo nosso).

Destacamos, no fragmento citado, “Errou e sofreu” porque Homero se refere a todos os trabalhos a que Hércules se submetera para que pudesse “evoluir” suas capacidades intelectuais, psicológicas e sentimentais, domando, assim, sua força física descomunal, já que fora capaz de, num ataque de fúria e demência (enviadas por Hera), matar os filhos.

Recuperado do ataque, dirigiu-se ao Oráculo de Delfos e pediu ao deus Apolo que lhe indicasse meios para purificar-se do “morticínio involuntário” (BRANDÃO, 1991, vol. I, p. 519). A resposta do Oráculo foi que deveria colocar-se a serviço de seu primo Euristeu, rei de Micenas, durante doze anos. Assim o fez e foi obrigado a executar doze trabalhos impossíveis para homens comuns, mas realizados por ele como forma de evolução. Segundo Brandão, para “as religiões de mistérios, na Hélade, os sofrimentos de Hércules configuram as provas por que tem que passar a psiqué, que se libera paulatina, mas progressivamente, dos liames do cárcere do corpo” (BRANDÃO, 1991, p. 519), ou seja, o ser aprende a dosar força e sabedoria para libertar seu espírito e evoluir.

Na trama contemporânea de Riordan, ela assume duas funções, é Caçadora de Ártemis e Hespéride exilada, como ela própria explica:

- Sua mãe era uma deusa das águas? – perguntei.
- Sim, Pleione. Ela teve cinco filhas. Minhas irmãs e eu. As Hespérides.
- Essas foram as garotas que viviam num jardim nos confins do Ocidente. Com a macieira de ouro e um dragão que a guardava.
- Sim – disse Zoë, melancólica. – Ládon.
- Mas não eram só quatro irmãs?
- Agora são. Eu fui exilada. Esquecida. Apagada como se nunca tivesse existido.
- Por quê?
- [...]
- Porque traí minha família e ajudei um herói. Você também não vai encontrar isso na lenda. Ele nunca falou de mim. Depois que seu ataque a Ládon fracassou, eu lhe dei a ideia de como roubar as maçãs, como enganar meus pais, mas *e/le* levou todo o crédito (RIORDAN, 2009b, p. 211-212).

O leitor mais atento, que conhece a história mitológica do herói grego que executou os doze trabalhos, pode inferir, assim, que houve uma estilização do mito no novo texto que, a nosso ver, representa um dos graus máximos de inovação de elementos de um texto na criação de outro, num diálogo intertextual. De fato, se recorrermos a Grimal (2005, p. 226), tomaremos conhecimento de que, em relação à quantidade de Hespérides que havia no jardim, “os autores não estão de acordo. Geralmente, eles nomeiam três: Egle, Erítia e Hesperaretusa. O nome desta, contudo, é por vezes dividido em dois e aplicado a duas Hespérides distintas: Hespéria e Aretusa”, ou seja, quatro ninfas. Ainda de acordo com Grimal (2005, p. 213), a quinta ninfa não é mencionada no décimo primeiro trabalho, pelo contrário, quem ajuda Hércules a roubar o pomo de ouro é, na verdade, o titã Atlas, que amparava os céus nos ombros junto ao jardim das Hésperides.

Esse preâmbulo colabora para que o leitor entenda o motivo que influenciou Zoë a renunciar aos homens e a se juntar à deusa Ártemis. No entanto, ela ajuda Percy Jackson, distraindo o enorme dragão, a atravessar o jardim, assim como ajudou Hércules², na versão de Riordan. Percebemos que a heroína deixou de lado qualquer *remorso* que a impedia de oferecer ajuda ao garoto, pois precisava,

² Nos textos-fonte da antiguidade, Hércules contou com a ajuda de Atlas para roubar os pomos de ouro.

também, resgatar sua mestra. Se considerarmos apenas a versão atualizada de Riordan, perceberemos que Zoë possibilitou ao herói moderno, Percy Jackson, completar sua missão, ou seja, resgatar Annabeth. A Caçadora, assim, atuou como ajudante de herói em ambas as histórias, demonstrando inteligência e habilidade ao enfrentar o dragão. No final da narrativa, Zoë morre devido a um ataque de seu pai, o titã Atlas, e Ártemis, como recompensa por seus atos heroicos e por sua fidelidade, transforma sua seguidora em uma constelação chamada "A Caçadora", da mesma forma que o herói mitológico Hércules obteve uma apoteose ao final de seu percurso de peripécias (morto fisicamente por traição de um Centauro inimigo, foi queimado numa pira e a fumaça elevou seu ser etéreo até o Olimpo, local no qual foi recebido pela Deusa Hebe, com a qual se casou e com quem permanece). Tanto Hércules quanto Zoë receberam a recompensa de serem elevados aos céus pelos seus atos heroicos, semideuses elevados a deuses (que vivem nas alturas) por seus atos heróicos.

No plano narrativo de *A maldição do titã*, o grupo de heróis, depois de atravessar o Jardim das Hespérides, deparara-se com uma cena inusitada: Annabeth está ao lado de Luke, algemada; Ártemis ampara os céus nos ombros, no lugar de Atlas, o General; e inúmeros monstros montam guarda no local. Percy, a princípio, enfrenta Atlas, mas reconhece sua incapacidade perante as forças do titã e, por isso, "tomou os céus de seus ombros. Ártemis, libertada pelo herói, lutou freneticamente com o titã e, surpreendentemente, conseguiu empurrá-lo de volta para debaixo dos céus" (MORAIS, 2013, p. 52).

Atlas avançava, coagindo Ártemis. Ela era rápida, mas a força dele era indestrutível. Sua lança bateu na terra em que Ártemis pisava uma fração de segundo antes e abriu uma fissura na pedra. Ele saltou sobre a fenda e continuou a persegui-la. Ela o estava trazendo de volta para onde eu estava.

Prepare-se, ela falou em minha mente.

[...]

Tão rápida quanto o pensamento, Ártemis agarrou a haste da arma, que atingiu o solo bem ao lado dela. A deusa a puxou para trás, usando-a como uma alavanca, chutando o Titã e mandando-o pelos ares acima dela. Eu vi que ele vinha caindo na minha direção e percebi o que iria acontecer. Afrouxei a força em meus braços, e quando Atlas desabou sobre mim, não tentei me segurar. Deixei-me ser empurrado e rolei para longe.

O peso do céu caiu sobre as costas de Atlas, quase esmagando-o até ele conseguir se colocar de joelhos, lutando para sair do peso esmagador do céu. Mas era tarde demais (RIORDAN, 2009b, p. 275-276).

No excerto acima transcrito, podemos vislumbrar ação de Ártemis como heroína, pois, apesar de não possuir força física que se igualasse àquela do titã que a ameaçava, vence-o pela inteligência, agilidade e destreza, que é compreendida pelo herói Percy, seu auxiliar final. Juntos, os dois realizam a última peripécia de subjugar Atlas e colocá-lo em seu verdadeiro lugar, aquele de segurar o peso dos céus nos próprios ombros, como nos textos da Antiguidade. No percurso de ação final, o herói masculino transforma-se em coadjuvante de uma das heroínas e a peripécia que na história mitológica fonte havia sido realizada por Hércules, modelo de homem na *Paidéia* grega, na história de Riordan é realizada por uma mulher, uma heroína, portanto, pois leva à situação final de equilíbrio e vitória do grupo que luta pelos valores positivos de educação e moral.

Assim, inferimos que, na série *Percy Jackson e os Olimpianos* que trata de uma cadeia de peripécias realizadas por um mesmo herói e seus acompanhantes, e exemplificamos neste ensaio mais especificamente no terceiro livro, a mulher ganha espaço, ao lado do homem, e assume o papel da heroína. E não se trata de uma só mulher, são muitas, entre elas Annabeth, Zoë e Ártemis. Elas possuem todos os atributos necessários que caracterizam o homem como herói e nascem,

também, de “pais ilustres: seu pai ou mãe é de natureza divina” (BRUNEL, 1998, p. 468); são marcadas igualmente poder ideais nobres (como liberdade, fraternidade, sacrifício); recebem treinamento do mentor do Acampamento Meio-Sangue, Quíron, o mesmo centauro que, nos textos literários da antiguidade, treinou Hércules e Aquiles; possuem auxiliares de herói ou são elas mesmas auxiliares de um herói; e, acima de tudo, são corajosas, inteligentes e fortes. São idênticas aos heróis e, por conseguinte, inferimos que os heróis e as heroínas de Riordan ocupam o mesmo patamar, um não é melhor que o outro, não há diferença nem inferioridade em relação ao sexo.

Se remontarmos à Era Clássica, perceberemos, diferentemente, que os relatos de semideusas, ou seja, mulheres filhas de algum deus são mínimos e, conseqüentemente, não temos tantas heroínas. Podemos citar, por exemplo, Atalanta, mulher considerada heroína, tendo como patrona, a deusa Ártemis, que “não quis se casar, mas permaneceu virgem [...]. Os centauros Reco e Hileu tentaram violá-la, mas ela matou-os com as suas flechas” (GRIMAL, 2005, p. 51). Destacamos, também, Helena, mulher de Menelau, por quem os Gregos muito combateram. De acordo com a epopeia homérica, ela é filha de Zeus e de Leda, sendo que “a tradição que faz de Leda mãe de Helena contava [...] que Zeus se lhe unira sob forma de cisne e que ela pusera um ovo donde saíra sua filha” (GRIMAL, 2005, p. 197), o que faz dela uma efetiva semideusa, filha do deus dos raios. No entanto, não é narrada nenhuma peripécia por ela realizada, somente as disputas por ela geradas pela paixão que provocava nos homens, e Helena acaba comparecendo nas histórias como joguete ou vítima do destino, como na *Ilíada*, na qual, conscientemente, é raptada por Páris, levada a Tróia, termina por se transformar no estopim da Guerra contra a cidade do amante raptor e leva a família real e toda a população à desgraça da derrota sangrenta, após anos de luta contra os príncipes gregos (entre eles Ulisses) que buscavam a vingança em nome do marido traído Menelau, o mesmo que, após invadir a Tróia vencida, encontra Helena e a perdoa, levando-a consigo de volta para casa.

Independente de na Era Clássica termos ou não heroínas filhas de uma divindade, Riordan considerou o sexo feminino com os “olhos” destes nossos anos de igualdade e fez das mulheres heroínas capazes de enfrentar monstros e de serem tão fortes quanto os heróis. É importante ressaltar, no entanto, que durante as narrativas da série, como se pôde exemplificar em *A maldição do titã*, os leitores confirmam oscilações de posições: ora o homem é herói e a mulher auxiliar de herói, ora vice-versa. Fato que apenas reconfirma a igualdade, ou então, o nivelamento entre as personagens da série, pois o autor não inferioriza suas personagens femininas em relação às personagens masculinas, pelo contrário, ele as nivela de forma a atuarem ora como herói, ora como auxiliar: Annabeth ajudou Percy contra Medusa, Percy ajudou Ártemis contra Atlas, Zoë auxiliou Percy no combate à Hidra, etc.

As heroínas são construídas por Riordan de forma que a imaginação do autor não as representa “[...] como virgens inalcançáveis, magras, afiladas” (BRUNEL, 1998, p. 472), pelo contrário, são garotas normais que possuem características provenientes de sua ascendência divina, assim como os garotos. Contudo, todas elas possuem coragem suficiente para enfrentar os empecilhos que lhes são impostos durante as missões e vencer todos os obstáculos.

Depreendemos, portanto, que as mulheres de Riordan são tão capazes de serem heroínas quanto os homens são capazes de serem heróis. Elas estão aptas de atravessarem qualquer obstáculo, enfrentarem qualquer monstro (seja ele mítico ou metafórico); elas impõem suas vozes, suas forças e deixam a posição passiva que, na antiguidade, sempre lhes foi destinada; Annabeth, Thalia, Zoë, Bianca, etc., não precisam ser salvas do enorme dragão da torre mais alta do

castelo, pois, agora, elas próprias enfrentam o dragão e são capazes de salvar outros, sejam homens ou mulheres, pois são heroínas, confirmando, elas mesmas, os modelos a serem seguidos, numa espécie de *paidéia* contemporânea.

MORAIS, G. A. L. F.; RAMOS, M. C. T. The Female Hero Construction in "Percy Jackson and the Olympians", by Rick Riordan. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 6, n. 2, p. 22–31, 2014.

Referências

BRANDÃO, J. S. *Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega*. Petrópolis, Vozes, 1991. 2v.

BRUNEL, P. Heroísmo (o modelo – da imaginação). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind et al. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998. p. 467-473.

CHATAGNIER, J. C. *O gênero em questão: crítica e formação nos Bildungsromane The secret Life of Bees, de Sue Monk Kidd e Sapato de salto, de Lygia Bojunga*. 2013. 186f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2013. Disponível em: <<http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/cathedra/16-03-2015/000813195.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2014.

COSTA, E. B. *A poética de Aristóteles e a personagem feminina na tragédia grega*. 2003 .93f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

GRIMAL, P. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

JAEGER, W. *Paidéia: a formação do homem grego*. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MORAIS, G. A. L. F. A releitura dos Mitos Clássicos na série *Percy Jackson e os Olimpianos: A maldição do Titã*. *Mosaico*. São José do Rio Preto, v. 12, n. 1, p. 41-58, 2013.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

RIORDAN, R. *O ladrão de Raios*. Trad. Ricardo Gouveia. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009 (Série "Percy Jackson e Os Olimpianos", Livro Um).

_____. *A maldição do Titã*. Trad. Raquel Zampil. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009 (Série "Percy Jackson e Os Olimpianos", Livro Três).

TOKITA, J. F. *A mulher na mitologia e dramaturgia irlandesa: o feminismo no mito de Deirdre, em peças de John M. Synge e Vincent Woods*. 2012. 221f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) - Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

Recebido em 21/dez./2014. Aprovado em 27/jan./2015.